

O PANORAMA

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCCÃO.

DUAS PALAVRAS AO PUBLICO

Depois de bastantes annos de interrupção reaparece o *Panorama*, esse brilhante museu da litteratura portugueza, onde penduraram maravilhas duas gerações de escriptores. A interrupção d'este jornal foi deplorada pelos muitos assignantes que o tinham seguido com interesse na sua longa e esplendida carreira.

O modo como este jornal foi redigido impõe graves obrigações áquelles que se entarregam de satisfazer um desejo do publico, e que hão de ten-

tar não deixar desmentidas as esperanças que o titulo d'este jornal inspira. Não ousariam fazel-o se não contassem com o auxilio de algumas das pennas mais justamente illustres de Portugal.

Não fazemos programmas, nem tentamos captar a benevolencia dos assignantes com promessas pomposas. Ninguém duvidará de que não aceitaríamos (nem pessoa alguma accitaria) o pesado encargo que tomamos; se não tencionassemos empregar todos os esforços para nos desempenharmos, o melhor que podessemos, da tarefa que emprendemos.



A SUISSA

Gostais de viajar, leitor, de mudar de sitio a miude, de caçar? Gostais de perspectivas, de paisagens; vêr a espuma das correntes, a melaria dos lagos, os effeitos da cerração, flores, arvores, rochedos, estrellas? Ide á Suissa! Quereis ver o rio scintillante, o lago de gêlo, o val negro e fecundo, a ponte do Diabo, a força e a belleza do mundo? Ide á Suissa?

A Suissa é a Cintra da Europa. Se estais doente, curar-vos-hão as suas aguas thermaes; se gozais saude, sentireis alli multiplicarem-se-vos as for-

ças, alongar-se-vos a vida, dilatarem-se-vos os pulmões. Assim como a aguia das montanhas, banhar-vos-heis n'uma nuvem, e a vossa vida se renovará. Na altura em que vos achardes, oh! como se tem compaixão das miseraveis agitações do mundo! Como a alma se aproxima da Divindade! Como se lastimam os homens, com as suas pequeninas idéas e paixões, diante dos grandes mysterios da existencia! Oh! não pode haver duvidas na presença d'aquella natureza! Conhece-se alli perfeitamente a mão do Omnipotente. Das arvores, das torrentes, das nuvens, dos rochedos, dos abysmos, saem mil vozes confusas, errantes e melodiosas, que vos gritam in-

cessantemente: Deos! Deos! Deos! A immensidade esmaga-vos, tritura-vos, confunde-vos, aniquilla-vos, e julgais ouvir por toda a parte, em torno de vós, essas palavras que, com tão desdenhosa ironia, caíam dos labios de Montaigne: *Enfle-toi, pauvre homme, et encore! et encore!*

E depois, que de lembranças, que de grandes nomes a pairar por cima d'aquellas collinas, d'aquellas cidades, d'aquelles castellos! Primeiro, os nomes de heroes: Julio Cesar, Guilherme Tell, Napoleão. Em seguida, outros nomes celebres de entre os historiadores do pensamento: Rousseau, Calvin, Byron, Lavater, Mme. Stael, Sénancourt. Quando, Jean-Jacques, percorria os desertos da Meillérie, essas escabrosas solidões inspiravam-lhe, sem duvida, as paginas severas onde o seculo XIX estava em germen. Byron alli levou o seu scepticismo zombador; também teve o seu quarto de hora de entusiasmo; e a sua vida, agitada como as ondas do Rhodano, precipitou-se na noite eterna, exhalando este grito funesto: «O que sei eu?!» Só a pupilla de Schlegel conservou até ao fim o seu sangue frio philosophico, os seus estudos positivos e sérios, a sua potente virilidade. Só ella introduziu o escalpello sem perturbação e sem commoções na organização moral do homem.

Uma coisa que tornará a Helvécia sempre cara aos viajantes de todos os paizes, é a novidade, a multiplicidade e a variedade das sensações que alli se experimentam. A Italia, o berço das artes, esse grande edificio marmoreo, incontestavelmente, contém innumerables bellezas. A admiração, porém, é de encomenda. Se alli fordes, leitor, experimentaréis as mesmas commoções que experimentaram os que vos precederam, e que se acham consignadas nos seus manuaes. Na Suissa a natureza varia de aspecto a cada passo, a cada instante. Aqui, o inverno semelhante ao da Sibiria: a neve, a geada, o nordeste; voltais um rochedo, eis a primavera: relva, flores, cascatas, luxuriante vegetação. Por vezes tendes a vosso lado o perigo, esse rude, mas precioso companheiro, que ergue o peso da dor e que prende a vida.

Logo, um novo espectáculo doce e consolador se vos offerece. Um hospicio de religiosos, cuja caridade, mais do que os calculos dos sabios, vos ensina, o caminho do ceu. Que admiravel quadro o d'esses homens desconhecidos, vivendo a vida mais santa, não levantando o seu melancolico olhar senão para abençoar os que encontram, e mostrando por suas palavras e acções que não vivem senão para esse Deos tão grande, esquecido no mundo, adorado no seu deserto. Oh! quão penetrante é a voz da religião que se tem refugiado no meio d'aquelles cimos abruptos, d'aquelles gelos eternos! Como ella prende o coração do homem! Como o prepara para os phenomenos da outra vida!

Ainda outra mutação de scena. Atravessais um corredor, abris uma porta, e entraes em um magnifico salão, ricamente mobilado, onde estão mulheres amaveis e risonhas; achais os costumes

elegantes, a conversação espirituosa. Por vinte e quatro horas deixais o vosso traje de viagem; jogais uma partida de xadrez, ouvis um motivo do admiravel *Guilherme Tell*, de Rossini, folheais os jornaes, as revistas, os albuns, e no meio d'este passatempo, podeis ouvir as lamentações do vento nos pinheiros rudes, as cantigas dos pastores, os gritos dos guias, o estampido abafado das avalanchas e ao longe os surdos bramidos do espirito da montanha.

No dia seguinte continuais a vossa viagem. Numerosas caravanas de curiosos se vos deparam perdendo-se no meio dos pinheiros, para reaparecerem um instante depois, parando a todo momento a fim de remediar qualquer accidente sobrevindo ás suas cavalgaduras, e preparando-se para atravessarem um d'esses precipicios diante dos quaes recuaria uma cabra. Os mineralogistas fazem saltar fragmentos de rochas com o seu martello de aço; os botanicos andam curvados, examinando as plantas raras que lhes apparecem em multidão; os entomologistas perseguem com suas redes de gase os lepidópteros; os pintores arrastam o seu cavallette e a sua tella; os poetas recitam; os musicos tocam e cantam; as mulheres pensam.

Se quereis fazer uma idéa da Suissa, sob o duplo aspecto que apresenta, é necessario que vos dêmos o esboço de duas scenas: uma de paz, de quietação, de serenidade; a outra de alvoroço, de desolação, de morte.

Para a primeira scena, temos só a pedir-vos que lanceis um olhar pela nossa gravura. A vista do assumpto poderíamos muito facilmente apresentar-vos um idilio no gosto dos de Gessner, de Florian ou de M. de Fontenelle; mas isso é retrogrado; o seculo não se entrega a essas ninharias. Hoje em dia as damas desenham, gravam, tocam piano, e não mungem as cabras, como a infeliz Maria Antonietta; os generaes só lêem as ordens do exercito; os padres, em vez de versos e outras obras litterarias, praticam a caridade evangelica e vivem, pobremente, soffrendo com resignação os revezes mundanos; a nossa aristocracia ensina cavallos, farpeia touros e não compõe charadas nem madrigaes. Não vos cansaremos, pois, leitor, com o que está fóra de uso, nem com minuciosos exames; porque o quadro, por si só, é bastante para poderdes ajuisar. Vedes uma pequenina aldeia, não é verdade? e tres camponeses que se dirigem para o seu domicilio, a procurar o descanso dos trabalhos agrestes do dia. Oh! mas tudo respira paz, tranquillidade; tudo é risonho, perfumado; é como um extase da natureza sob o olhar de Deos!

Acabais de ver o agradável; vinde agora ao terrivel.

A avalanche! Esta palavra tem um tanto de assustador e de glacial. A queda de uma avalanche produz um ruido isolado, que não se assemelha a nenhum outro. Ente algum vivo lhe responde com um grito de terror. O mesmo éco é mudo nas innumeraveis anfractuosidades das montanhas; esses tortuosos dédalos, atapetados de neve, rece-

bem em silencio um murmurio insensivel, ao qual não succede o menor som. O socego, em regiões onde a natureza está como envolvida n'uma imensa mortalha, augmenta a impressão do terror, que produzem esses picos agudos, essas extremidades inaccessiveis, esses esqueletos mirrados, essa libré dos invernos eternos, estendida como o veu do esquecimento sobre o theatro das mais antigas revoluções do globo. O tocar com o pé na borda de uma fenda, pode produzir a queda de uma avalanche. Um tiro de espingarda, a voz dos viajantes, o som das campainhas dos machos, podem causar o mesmo resultado. As avalanchas de neve pulverulenta (*staublouinen*) são mais perigosas, porque abrangem um grande espaço, e, sobretudo, pelo movimento que imprimem no ar. O furacão leva tudo quanto encontra em sua passagem: arvores, casas, aldeias inteiras. Em menos de uma hora, as estradas desaparecem, e a neve toma por toda a parte dez pés de profundidade. A montanha treme até nos seus fundamentos; as arvores entrecrocavam-se, os ramos despedaçam-se, os rochedos desarraigam-se, as paredes das casas abrem largas fendas, as vigas estalam, os tectos caem. Tudo se desmorona! São convulsões, horrores, uma agonia. Ao pallido clarão da lua, os homens, as mulheres, as crianças, arrancados ao somno, erram semi-nús, olhos espantados, boquiabertos, cabellos eriçados, sem se reconhecerem, sem saber aonde encontrar um abrigo. Os que puderam escapar-se de suas casas, meio destruidas, procuram-se, abraçam-se, reúnem-se. O cura, então, colloca-se no meio d'elles, sereno e grave, tendo na mão a custodia, que encerra a hostia consagrada. Todos ajoelham sobre a neve, fronte descoberta, olhos levantados para o céu, com a alma transida de terror; e logo ao ruido das longiquas avalanchas, soa nos declives da montanha a terrivel e solemne melodia do *Dies iræ*.]

A QUESTÃO LITTERARIA

Por ZACHARIAS AGA.

Ha um anno ha-se em Lisboa um livro novo a todos os respeitoos, novo pela forma, pela idea e pelo nome do auctor. Quando digo novo, claro está que me refiro a Portugal. Discutia-se o titulo e o assumpto; a forma era aquilatada pelos mestres, pelos cinzeladores, pelos Cellinis da palavra; a idea era estudada pelos que fidam com os assumptos historicos, com a philosophia e com a poesia. O livro filiava-se em alguma das escolas modernas da Allemanha, e punha a mira mui alto. O tentamen era uma temeridade, e o resultado provou que os Icaros não acabaram ainda; nem era isto para admirar quando vimos Victor Hugo, que precedera n'esta empreza o sr. Theophilo Braga, rojar-se, elle, a aguia, pela terra, indo mostrar nos ares, agora manchadas pela lama, as azas outr'ora alvas e esplendidas. Já disse o nome do auctor; o livro chama-se—*Visão dos tempos*.—

A ignorancia de uns, a falta de senso critico de outros, e a extrema e, no meu entender, crimi-

nosa benevolencia da nossa imprensa, fizeram com que este livro occupasse officialmente na litteratura contemporanea um lugar distincto a que de certo não tem direito.

Visão dos tempos! Esta reconstituição das civilisações que passaram é difficilissima, em alguns pontos é impossivel, e requer os talentos e a sciencia de um Cuvier, de um Goethe. Este titulo esmaga a obra de um escriptor que nasce para as letras, e o sr. Theophilo Braga, se, em vez de ser portuguez, fosse allemão, inglez ou francez, e visse em um paiz onde a critica abrangesse todos os ramos dos conhecimentos humanos, o que entre nós não succede, infelizmente, havia de estar agora arrependido de ter publicado o seu livro.

Não bastam, para que uma obra passe á posteridade, os titulos pomposos e as citações abundantes, porque não é isso o que constitue a verdadeira sciencia, a luz que allumia a todos. A erudição assim entendida é facil, mas é inutil, e o titulo, se é chamariz que attrahe o publico ao balcão do mercador de livros, é também e ao mesmo tempo signal de leviandade ou de nimia presumpção das proprias forças.

Escrevendo um prologo com o titulo de «Generalisação da historia da poesia» o sr. Theophilo Braga não podia aspirar a outra coisa que não fosse o vulgarisar entre nós, até hoje segregados quasi completamente do grande movimento philosophico, historico e litterario da Europa, as idéas que se ensinam nas academias e universidades estrangeiras. Isto e só isto podia ser, attentas as circumstancias que se davam no joven poeta que não poderia racionalmente tomar a si as funcções de mestre e iniciador.

As qualidades, que se requerem no vulgarizador, são em primeiro lugar a sciencia, depois o methodo e a clareza na exposição.

Encontram-se no prologo da *Visão dos tempos* estes predicados?

Parece-me que não. A exposição é confusa; as syntheses não se ligam rigorosamente; não ha logica na deducção das idéas, e a phrase, por vezes germanica, não tem o rigor geometrico tão necessario em assumptos d'esta ordem: em compesação as citações abundam.

Isto pelo que diz respeito á prosa.

Na *Bacchante*, a maior e a melhor das composições que constituem aquelle livro, foi mais feliz o auctor, comquanto ficasse aqui muito á quem da perfeição. Deixando de lado a parte artistica, a metrificacão, que n'este assumpto devia ser muito esmerada, o sr. Theophilo Braga é, n'este poemeto, inferior aos poetas francezes que tem procurado fazer reviver nos seus escriptos a singeleza, a elegancia, a harmonia e a serenidade da poesia grega. Citarei apenas o nome de André Chénier e o de Leconte de Lisle, e, como a respeito d'este ultimo escreveu Gustavo Planche algumas observações que vem de molde, transcreve-las aqui. — «O prefacio do sr. Leconte de Lisle prova até á evidencia que o manejo do metro e da rima não ensina as regras mais elementares

da prosa. As idéas mais justas não podem prescindir de ser apresentadas sob uma forma clara e exacta; ora o sr. Leconte de Lisle parece desprezar abertamente a clareza e a exactidão. As suas idéas não se encadeam e apresentam-se-nos vagas e confusas. Habitado a fallar a lingua dos deuses, o auctor mal se sabe exprimir na lingua dos homens e obriga-nos a adivinhar-lhe o pensamento.»

Isto que o eminente critico diz de Leconte de Lisle, é como se vê, pouco mais ou menos, o que eu disse ácerca do prologo da *Visão dos tempos*. Está, portanto, o sr. Braga em muito boa companhia, mas o caminho é mau.

Voltando á poesia, direi que a Bacchante não é, para mim, nem uma estatua, nem uma pintura de Herculano ou da grande arte da Renascença, porque não tem nem a vida exuberante e a graça dos contornos da esculptura grega, nem o clorido e a expressão de Corregio ou Raphael. Aquellas figuras são pouco accentuadas, e, se é preciso compara-las a um objecto de arte, direi que são antes um esboço do que uma obra perfeita e acabada. O desenho é incorrecto ainda, a luz não está bem distribuída, a composição, o agrupamento das figuras não está determinado definitivamente.

O sr. Camillo Castello Branco, n'um dos seus artigos criticos sobre este assumpto, diz que «Na contextura da *Bacchante* a critica não tem direito a assignalar inverosimilhanças.» Mais abaixo accrescenta; «O sr. Theophilo Braga inventou; dos usos gregos aproveitou as decorações para a scena: foi a poesia mythologica, sem duvida, que lh'as deu. A Grecia não era assim, de certo.»

A critica tem direito a notar as inverosimilhanças, porque ellas existem no pbemeto, e esse direito assiste sempre á critica.

Era preferivel que o joven poeta não inventasse, porque a Grecia compunha-se não de nomes, mas de homens que tinham costumes e idéas differentes das nossas, e na empreza do sr. Braga havia uma parte historica importante que elle não devia desprezar.

Finalmente, sem discutir agora as outras opiniões da critica, aliás excellente em muitos pontos do sr. Camillo Castello Branco, e que é uma das mais completas que ultimamente tem apparecido, direi que o illustre romancista condemnou a Bacchante quando disse que a Grecia não era assim.

Das outras composições, inferiores em qualidade e quantidade á Bacchante, pode-se dizer o mesmo que a respeito d'esta escrevi.

Eis-aqui, em synthese, o que eu penso da *Visão dos tempos*, reservando para mais tarde e se fôr necessario, a confirmação analytica do que deixo dito.

(Continua)

A BELLESA E OS ADORNOS

Uma das senhoras mais formosas e elegantes da aristocracia hespanhola, mas cuja casa estava ex-

tremamente empenhada, tendo recebido convite para um baile na cõrte, mandou, por carta, a uma sua amiga, mais idosa e menos bella, pedir emprestados os diamantes.

Esta, que n'aquelle dia não estava de bom humor, terminando a leitura do escripto, voltou-se para o criado, e exclamou: «Diga a essa senhora que, se me envia a sua cara, deixo de fazer uso de todas as minhas jóias.»

OS PHILO-PORTUGUEZES.

POR INNOGENCIO F. DA SILVA.

I

Por impulso da insaciavel curiosidade, que apoderando-se do nosso espirito em annos bem tenros, tem permanecido connosco até á idade madura, levando-nos a ler, ou antes a devorar indistinctamente n'este já longo intervallo milhares e milhares de volumes de todo o genero, desde os mais raros e exquisitos primores do saber humano, até as mais futeis e minguidas producções que os prelos de si lançam muitas vezes para vergonha e descredito de quem as engendrara: pegamos ha dias de um folheto, recentemente impresso, e que por seu assumpto começou a dar tamanho brado, que já corre, segundo se diz, em terceira edição. Com pretensões á originalidade, e recheado, ao que nos pareceu, de muitas e singulares *originalidades*, não foi sem grande extranheza que por entre os paradoxos, que o auctor se comprazeu de semear a flux por todas as paginas de tão notavel obra, o vimos alludir com ostentoso desdem ás *phrases rabujentas dos nossos livros bolorentos chamados classicos*, e logo adiante acoirar os escriptos em prosa de um nosso patricio, (por ventura o mais verpaculo dos contemporaneos que se esmeram em bem escrever,) de *imitações das algarvias mysticas de frades estouteados!!!* Assim, pois, se conceituam de um rasgo de penna, e na phrase dos modernos propugnadores da *Idéa* (com inicial maiuscula!) os Vieiras, os Bernardes, os Sousas, os Lucenas, os Araes, os Heitores Pintos, os Thomés de Jesus, e tantos outros mestres do nosso formoso idioma, que pela fluidez, energia, perspicuidade e elegancia da linguagem tem sido, e são ainda as delicias dos que chegam a entendel-os! A fé, que ao ver taes palavras escriptas por homem que se diz portuguez, ou que ao menos nasceu em terras de Portugal, sentimos a alma sombreada de uma commoção dolorosa, que em vão tentariamos exprimir!

Não o pensavam assim tantos eruditos estrangeiros, que em tempos mais antigos e até no seculo actual, conseguindo vencer á força de estudo as confessadas difficuldades da lingua, e penetrar os mysterios da nossa elocução, se apressaram a trasladar nas suas, esses *bolorentos* auctores, de que tão enjoados desdenham os modernos iniciadores de novas sendas. Nem tão pouco os amadores esclarecidos, que em todas as nações compravam, e compram ainda, talvez a peso de ouro,

esses desprezados livros, para com elles enriquecerem suas fastosas e escolhidas bibliothecas.

O extenso catalogo que de uns e outros poderiamos tecer, seria talvez n'esta parte a refutação mais azada que cumpria dar a insolitas asserções, forjadas nos cerebros escandecidos dos que a si se preconizam de *idealistas* por excellencia. Bem teriamos esse desejo, porém fallece-nos agora mais que nunca o tempo, e sobram-nos occupações que impedem realisal-o. Faremos todavia o que podermos, e a começar pela Gran-Bretanha, com-

memoraremos em seguida a este artigo os nomes de cinco illustrados philologos inglezes, distinctos por seus conhecimentos, e alguns notaveis por sua elevada cathgoria na ordem social, que no seculo corrente se mostraram entusiasticos amadores da nossa litteratura *classica*, patenteando por modos nada equivocos a estima e admiração que lhes inspiravam esses auctores, que hoje vemos indignamente vilipendiados por nacionaes com apodos tão grosseiros.

(Continua)



M. LÉON DE LABORDE

Este illustre varão, filho de Alexandre L. Joseph, conde de Laborde, nasceu em Pariz no anno de 1807, e tornou-se distincto no mundo litterario pelas suas interessantes averiguações

sobre a historia da arte, da gravura, da imprensa e das bibliothecas. É a elle, depois de Nieburh, Burckardt e Mangles, que se devem as mais vastas e magnificas noticias sobre a Arabia, paiz celeberrimo da antiguidade e cuja historia vai prender nos primeiros tempos. Estudou, durante um anno de residencia no Cairo, o idioma arabe, e,

em 1828, á frente de uma numerosa caravana, vestido como os habitantes de Alepo, trajo que adoptou para melhor poder identificar-se com os povos que queria visitar, internou-se pelos arciaes do Egypto, e atravessando a Syria, Alepo, Libano, Damasco, Palmira e outros pontos igualmente curiosos, subiu o monte Taurus, penetrou até a antiga cidade de Petra.

Esta viagem não teve só por fim a contemplação dos monumentos da antiguidade; como se vê das *Voyages dans l'Arabie Pétrée, en Asie Mineure et en Syrie*, Mr. de Laborde, estudou também as plantas, animaes e geographia d'aquella parte do mundo; o que, realmente, foi um grande serviço prestado ás sciencias.

As obras que conhecemos do intrepido viajante, são as seguintes: *Les Grandes habitations françaises au XVII siècle; Voyages dans l'Arabie Pétrée, 1830, — en Asie Mineure et en Syrie, 1837; les Ducs de Bourgogne, Études sur les lettres, les arts, et l'industrie, pendant le XV siècle, 1849 — 51; La Renaissance des arts à la cour de France, Études sur le XVI siècle, 1850; Notice des émaux, bijoux, exposés au Louvre, 1853; Athènes aux XV, XVI et XVII siècles, 1855.*

Mr. Léon de Laborde substituiu seu pai na camara dos deputados e na Academia das sciencias moraes.

PEREZ LORENZO

(Scenas da Campanha do México)

Por PINHEIRO CHAGAS.

I

Todos conhecemos os ultimos acontecimentos do Mexico, acontecimentos, que transformaram a anarchica republica americana, graças á intervenção franceza, n'um imperio que por ora apenas se esteia nas bayonetas dos zuavos, mas que, para o futuro, se não commetter grandes erros, se desenvolver o espirito nacional, se entrar no caminho dos progressos materiaes, poderá conquistar mais seguras garantias de solidez. Sabemos dos insultos selvagens e anti-politicos a que estiveram sujeitos os estrangeiros, da insistencia do governo mexicano em responder com orgulho ás reclamações das potencias occidentaes, da intervenção motivada por esse inqualificavel procedimento, e, finalmente, do celebre convenio da Soledad, que, isolando a politica franceza da politica ingleza e da hespanhola, deixou a divisão imperial em campo contra as forças todas da republica.

A questão da honra da bandeira arrastou a França talvez muito para além do ponto a que tencionára chegar. As aguias victoriosas de Alma, e de Solferino sustaram o vôo audacioso perante as muralhas de Puebla. O general Lorencez teve de recuar diante do indisciplinado exercito americano-hespanhol. A noticia d'este desastre militar deu rebates em França ao brio nacional. A memoria da antiga expedição de S. Domingos, em que a febre amarella, e as balas dos atiradores negros dizimaram os intrepididos soldados, que

tinham atravessado incolumes os paues d'Arcola, os arciaes do Egypto, as selvas de bayonetas austriacas de Hohenlinden, e as escarpas dos Alpes varejadas pelas carabinas dos caçadores tyrolezes, a memoria d'essa expedição infeliz, em vez de afrouxar o desejo de vingança, ainda mais o excitou. O novo grande exercito estava ansioso por demonstrar ao mundo que as vastas planicies da America não eram simplesmente o cemiterio dos vencedores da Europa, e que não perseguia uma fatalidade especial as armas francezas nas regiões tropicaes. Tratava-se de vingar a um tempo o ataque infeliz de Puebla, e a exterminação do exercito do general Leclerc. As aguias da Gallia tinham que ajustar contas antigas e modernas com os condores americanos.

Um exercito de trinta mil homens, commandado pelo general Forey, um dos heroes da Criméa, e o vencedor de Montebello, saio dos portos francezes a bordo de uma esquadra, e singrou para o mar das Antilhas. Desembarcou em Vera-Cruz, e, depois de uma especie de marcha triumphal, em que o exercito mexicano se dissipou, ainda mais depressa que o fumo dos canhões francezes, o general Forey chegou diante de Puebla.

Foi então que principiou a verdadeira guerra.

Não comportam nem a indole nem as dimensões da ligeira narrativa, a que este capitulo serve de prologo, uma discussão politica sobre o direito da intervenção, e o caracter justo ou odioso de uma guerra, emprehendida para tirar vingança de uma offensa real, e que, principiando debaixo de tão justiceiros auspicios, foi continuada por um capricho de pundonor militar, e levada a ponto de assumir o caracter de conquista, violando os direitos das nacionalidades e impondo a um paiz livre, um governo melhor ou peor do que o antigo, mas irrogado á humilhação dos vencidos pela pressão dos vencedores. Considerando a guerra apenas debaixo do seu ponto de vista militar, confessaremos que é esta campanha uma das mais gloriosas para o exercito francez. Reuniam-se contra elle dois elementos; cada um dos quaes bastára, nas eras brilhantes do consulado e do imperio, para obrigar a fortuna a atraiçoar a bandeira tricolor tão sua predilecta em todos os campos de batalha. Por um lado a influencia devastadora do clima tropical, que prostrára os valentes do Egypto, do Rheno e da Italia, nas planuras do Haiti. Por outro lado a sublevação dos povos de raça iberica, o seu systema de guerra original e mortifero que sepultára nos serros da Hespanha e de Portugal os heroes d'Austerlitz e de Friedland. Isolados, estes dois elementos baviam saido victoriosos da lucta. O que não fariam reunidos?

Por isso dizemos: A guerra só principiou, verdadeiramente, quando o general Forey chegou diante de Puebla. Em batalha campal era irrisoria a lucta. Uma carga de bayoneta dos zuavos dispersava os soldados mexicanos, como as hostes de Soult e de Suchet affugentavam as tropas hespanholas. Mas na defeza das praças contava Puebla uma ou antes duas ascendentes heroicas, Sa-

ragoça, e Numancia. Lannes e Scipião haviam estacado perante as muralhas das duas cidades. Forey parou também diante de Puebla.

Esta cidade recebeu com justiça a denominação de nova Saragoça. Para em tudo ser notável a coincidência, dava-se o caso de se ter o general sitiador distinguido no mesmo campo de batalha. O titulo de duque de Montebello recompensára as façanhas praticadas por Lannes n'esse ponto em 1800. Em 1859 ganhava Forey uma batalha em Montebello contra os filhos dos austriacos derrotados pelo heroico subalterno de Bonaparte. Ambos se encontravam, cara a cara, com inimigos da mesma raça, iguaes em denodo, e em situação identica. Ortega não envergonhou Palafox. A nova Saragoça só faltou um Byron para lhe cantar a gloria. O que prova mais uma vez que são mais ratos os Homeros do que os Achilles.

Mas o systema de defeza da raça hespanhola não estaria completo se faltassem as guerrilhas. Não faltaram effectivamente. Emquanto o general Forey abria as paralellas diante de Puebla, iam-lhe sendo cortadas as communicações com a beira-mar pelos ataques audaciosos dos guerrilheiros, que salteavam os combóyos do exercito. Os desastres da guerra de Hespanha ameaçavam renovar-se. O exercito francez, internado no Mexico via-se em imminente risco de se transformar de sitiador em sitiado, ou de imitar a retirada de Massena, depois dos seus infructiferos ataques ás linhas de Torres Vedras. Mas essas terriveis lições selo-iam duplamente se não tivessem aproveitado aos vencidos. Além d'isso, as guerras de Alger, guerras também de emboscadas e ardis, haviam dado aos soldados e generaes de Napoleão III a experiencia que faltava aos veteranos do primeiro imperador. O general Forey poz logo o dedo no unico meio de defeza, de que podia lançar mão. Combateu os mexicanos com as suas proprias armas; á entrada em campo dos guerrilhas respondeu com a organização das contra-guerrilhas.

Este corpo, que tantos serviços prestou e está prestando á occupação franceza e ao novo imperio, apresentou, nos primeiros tempos da sua criação, o mais extravagante aspecto, que é possível imaginar-se. Confusa miscellanea de trajos, de idiomas e de physionomias, parecia indicar que os obreiros da torre de Babel haviam desembarcado em Vera-Cruz para auxiliarem o novo imperio, que também tinha a sua feição variegada, porque apresentava a anomalia de ser a reconstrucção do throno dos Azteques emprehendida por um imperador francez, em proveito de um archiduque allemão eleito por colonos hespanhoes!

Expliquemos esta confusão.

Quando os francezes, de posse de Alger, se viam obrigados a travar com os arabes e os kabilas uma guerra de montanhas, perceberam logo a necessidade de organisarem corpos ligeiros, e, se fosse possível, de indigenas, que, por conhecerem bem as disposições do terreno, podiam ser oppostos com fructo á esses intangiveis inimigos,

que appareciam e desapareciam com a rapidez do raio, mas deixando também sempre, como o raio, vestigio da sua passagem.

Foi esse o motivo da criação dos zuavos. Uma tribu arabe, a tribu dos *zaouas*, que se havia ligado aos conquistadores, formou o primitivo nucleo dos regimentos. Depois em torno d'elles foram-se agrupando aventureiros audaciosos, a quem o ministro da guerra, com toda a generosidade, dava um passaporte para Alger, a fim de os livrar das importunidades da policia. Já se vê que eram só admittidos os que tinham peccados veniaes, e não os que tinham na sua vida macula que implicasse deshonor, e que por conseguinte deshonrasse a bandeira, que se deve desfraldar illibada ao vento das refregas. Assim, estes regimentos eram formados de gente um pouco turbulenta mas decidida, folgazã e audaz, agil sobretudo, porque os membros indigenas estavam habituados aos fragedos do Atlas, e os francezes já em Paris mostravam grande predilecção pelos caminhos extravagantes onde se não aventura a dignidade da *gendarmerie*, taes como telhados, muros de quintal e outras vias excepcionaes.

Os bons resultados obtidos por esta idéa inspiraram o desejo de a desenvolver; a infantaria dos zuavos perseguia nos mais inacessiveis pincares da Kabilia os atiradores arabes, e era necessario não deixar o campo livre a esses terriveis cavalleiros numidas, que foram sempre, desde Jugurtha, o terror dos exercitos europeus. Na defeza as bayonetas dos quadrados francezes bastavam para apparar o embate d'esse turbilhão de ginetes. Mas a retirada tinham-na os assallantes sempre segura, porque seria necessario que fosse cada soldado da cavallaria franceza um Franconi, para que os podesse acompanhar nas penedias que elles galgavam como se cada cavallo tivesse azas nos pés, em vez de ferraduras. Remediou-se a este inconveniente pelo mesmo systema, que se applicara ao outro. Um corpo de cavallaria indigena foi creado com o nome de «spahis».

Esta dupla experiencia ensinou aos francezes o methodo de auxiliarem sempre os movimentos do exercito regular com estas tropas irregulares, conhecedoras do terreno, e proprias para atalharem a insurreição dos povos, quando elles tivessem a idea de entrar em scena. Logo na campanha da Criméa, o marechal Saint-Arnaud, pensando nos danos que as nuvens dos cossacos lhe podiam causar, ordenou a organização dos *bachi-bozouks*, especie de cossacos turcos, encarregados de livrarem o exercito alliado das importunidades da selvagem milicia moscovita. Foi quasi inutil a organização, porque a invasão da Russia estacou perante as muralhas de Sebastopol, e não tiveram por conseguinte as forças alliadas de atravessar as solitarias *steppes*, dominio incontestado das hordas brutales do Don, do Dnieper, e do Volga.

Se havia campanha, onde fosse indispensavel o auxilio d'essas tropas irregulares, era de certo a do Mexico. Ahi a questão principal era a das guerrilhas, só d'esse lado é que se podia temer

um desastre. Mas como obviar a elle? O exercito estava no Mexico n'uma posição completamente excepcional. Não tinha alli como na Turquia um paiz aliado, que lhe desse os seus irregulares para os organizar; não tinha como em Alger um nucleo indigena, a França a dois passos para lhe enviar as suas aventureosas recrutas, tempo largo para as adestrar, e um quartel seguro, onde a organização se podesse fazer com toda a commodidade. Ali o paiz era adverso em massa, urgia o tempo, e os francezes não podiam chamar seu nem sequer ao terreno em que se projectava a sombra dos seus regimentos. Havia um unico meio, foi para elle que se appellou. O Mexico é ainda o El-Dorado dos europeus, ou pelos proprios recursos, ou por ser, para assim dizermos, a porta do maravilhoso paraíso da California. Fer-vilham nas suas cidades os aventureiros de todas as nações, gente resoluta, avida de riquezas, amiga da lucta, doida pelos acasos da vida errante. Foi com esta canatha de heroes que se formaram as contra-guerrilhas.

Imaginem já o que devia ser, especialmente no principio, uma semelhante tropa. O allemão taciturno formava ao lado do palreiro francez, do monosyllabico inglez, do expansivo italiano, do phantasiado hespanhol, do avido suizo. A disciplina conservava-se, graças aos esforços do coronel Dupin e dos seus subalternos, mas a muito custo. Porém o fim preencheu-se; as guerrilhas, se tentavam atacar os comboyos, recebiam, segundo as regras grammaticaes, uma resposta no mesmo caso em que faziam a pergunta. As vezes esses eternos inventores de emboscadas caíam nos mesmos laços, que tinham por uso armar, e o general Forey pôde continuar o cerco de Puebla, tomá-la, e marchar sobre a capital, sem receio de ver os seus feridos assassinados, as suas bagagens roubadas, os seus comboyos saltados.

Um dos officiaes d'essas contra-guerrilhas, o conde de Kératry, deu na *Revista dos Dois Mundos* de 1 de outubro de 1865 uma policia circunstañciada das expedições em que tomou parte. Interessantissimo por qualquer lado que se considere, ou como subsidio para a historia militar da campanha do Mexico, ou como quadro dos costumes barbaros d'essas terras americanas em pleno seculo XIX, abunda esse artigo em aneddotas que podem servir de base a romances altamente commoventes, se as deparar a habil penna de um Alexandre Dumas, ou de um Paulo Féval. Não ousamos tanto, que não são para isso as nossas forças, e apenas tentamos esboçar, na leve narrativa que se segue, um caso horroroso sim, mas cuja veracidade é asseverada por um official francez, e confirmada, sendo necessario, pelo testemunho dos seus collegas, que elle invoca, caso que pôde dar aos nossos leitores uma idéa do que eram, ha um anno, e do que provavelmente ainda hoje são os costumes de um paiz, que se apresenta como civilisado.

(Continua)

A ESTRELLA

Like a star on eternity's ocean!

MOORE.

Por entre o raro veu, que, pouco a pouco,
Viera o céu toldar,
Eu; deslumbrado, contemplava a estrella
Que via além brilhar.

Oh, era bella, sim; seus raios tremulos
Sobre a terra desciam;
Mas n'aquelle esplendor pallido e santo
Os lyrios se reviam.

Era bella, perdida e solitaria
Em meio d'amplidão;
Como um fanal d'esp'rança, radiando
Na escura cerração.

É o meu espirito evocava inquieto
Delicias que eu perdi,
E o meu passado inteiro e redivivo
Sorria-me d'alli.

E o coração batia-me convulso
Como jámais bateu:
A minha vida toda estava presa
Na luz d'aquelle céu.

É que a estrella era a imagem saudosa
De um sonho d'allegrias:
Astro consolador, raio perdido
Na treva dos meus dias!

E. A. VIDAL.

O SEGREDO

Um official, que tinha grande familiaridade com o principe de Orange, por occasião de certa marcha formada, dirigiu-lhe a seguinte pergunta:

— Porque motivo, senhor, fazemos esta marcha?
— Guardareis o segredo? lhe tornou o principe.
— Sou incapaz de abusar da vossa confiança!
— Estou convencido d'isso, replicou o principe; mas, se possuis o dom de poder guardar um segredo, Deus tambem me concedeu igual graça.

A POSTERIDADE

— Appello para a posteridade, dizia (não nos lembramos da época nem do logar) um poeta, a quem acabavam de patear uma das suas produções dramaticas; desprezo um publico que se compõe sómente de analphabetos.

— Ai, meu caro amigo, lhe tornou um individuo, que o acompanhava; vê aquellas creanças além jogando o pião e dando cambalhotas? são ellas que hão de representar a posteridade. Os analphabetos de que, hoje se queixa, são a posteridade porque tanto clamaram os poetas de ha cincoenta annos, cujas obras tambem foram pateadas. De maneira, que, essas suas palavras: — appello para a posteridade — equivalem a — appello para os analphabetos do porvir.